



**Educação em rede: inteligência artificial, culturas digitais e o  
reencantamento do ensino no século XXI**

**Networked education: artificial intelligence, digital cultures, and the  
reenchantment of teaching in the 21st century**

**Educación en red: inteligencia artificial, culturas digitales y el  
reencantamiento de la enseñanza en el siglo XXI**

DOI: 10.55905/revconv.18n.7-169

Originals received: 6/13/2025

Acceptance for publication: 7/11/2025

**Francisco Nivaldo Monteiro Cardoso**

Doutorando em Ciências da Educação

Instituição: Faculdade Interamericana de Ciências Sociais (FICS), Universidade Estadual do  
Sudoeste da Bahia (UESB)

Endereço: Vitória da Conquista – Bahia, Brasil

E-mail: francisco.cardoso@ifma.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-4938-1295>

**Roberto Carlos Cipriani**

Doutorando em Ciências da Educação

Instituição: Facultad Interamericana de Ciencias Sociales (FICS)

Endereço: Asunción – Paraguai

E-mail: robertocipriani55@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-6491-0473>

**Daivid Tiago Oliveira Sousa**

Doutorando em Ciências da Educação

Instituição: Facultad Interamericana de Ciencias Sociales (FICS)

Endereço: Asunción – Paraguai

E-mail: daividsousa13@gmail.com

**Cláutenis Carvalho Viana**

Doutorando em Ciências da Educação

Instituição: Faculdade Interamericana de Ciências Sociais (FICS), Universidade Federal  
Fluminense (UFF)

Endereço: Niterói – Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: clautenisviana@ifpi.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-8220-2986>



**Haroldo Nascimento da Cruz**

Doutorando em Ciências da Educação

Instituição: Facultad Interamericana de Ciencias Sociales (FICS)

Endereço: Asunción – Paraguai

E-mail: haroldo\_cruz@yahoo.com.br

Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-1034-8526>

**Clésia Carneiro da Silva Freire Queiroz**

Mestranda em Ciências da Educação

Instituição: Veni Creator Christian University (VENI)

Endereço: Orlando – Flórida, Estados Unidos

E-mail: ccsfq@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-3299-5405>

**Victor Ricardo Afonso de Souza**

Mestrando em Educação Tecnológica

Instituição: Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM)

Endereço: Uberaba - Minas Gerais, Brasil

E-mail: victor.afonso@educacao.mg.gov.br

Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-2472-003X>

**Márcia Maria dos Santos**

Doutoranda em Ciências da Educação

Instituição: Facultad Interamericana de Ciencias Sociales (FICS)

Endereço: Asunción – Paraguai

E-mail: marciasantosprofessora10@gmail.com

**RESUMO**

Este artigo analisa como a interseção entre Inteligência Artificial, culturas digitais e práticas pedagógicas vem modificando os sentidos do ensinar e do aprender no século XXI. A pesquisa busca compreender em que medida essas transformações podem ampliar — ou comprometer — o reencantamento do ensino, entendido como a recuperação da dimensão sensível, ética e criativa da experiência educativa. Trata-se de um estudo teórico-reflexivo, com base em revisão integrativa da literatura nacional e internacional, articulada à abordagem do estado da arte. A análise envolveu o mapeamento de contribuições que tratam da presença da IA nas escolas, da formação docente diante das culturas digitais e das mudanças nas ecologias de aprendizagem. As categorias centrais foram: autonomia docente, mediação pedagógica, presença simbólica e uso ético da tecnologia. Os resultados mostram que, embora a tecnologia ofereça novas possibilidades, sua adoção sem propósito formativo claro tende a reforçar práticas automatizadas e esvaziadas de sentido. Em contrapartida, quando integrada com intencionalidade e sensibilidade, a IA pode contribuir para reinventar os vínculos entre sujeitos, saberes e mundo. Conclui-se que o futuro da educação em rede depende menos da sofisticação dos algoritmos e mais da capacidade humana de orientar sua aplicação para fins verdadeiramente formadores. Os achados convidam à revisão das políticas educacionais, da formação docente e da concepção de inovação, colocando no centro o valor da presença, da escuta e da criação partilhada.



**Palavras-chave:** educação em rede, inteligência artificial, culturas digitais, reencantamento do ensino.

#### ABSTRACT

This article examines how the intersection of Artificial Intelligence, digital cultures, and pedagogical practices is reshaping the meaning of teaching and learning in the 21st century. The study seeks to understand to what extent these transformations can enhance—or compromise—the reenchantment of education, understood as the recovery of the sensitive, ethical, and creative dimensions of the learning experience. This is a theoretical-reflective study, based on an integrative review of national and international literature, articulated with the state-of-the-art approach. The analysis involved mapping contributions that address the presence of AI in schools, teacher education in the face of digital cultures, and shifts in learning ecologies. The core categories were: teacher autonomy, pedagogical mediation, symbolic presence, and ethical use of technology. The findings indicate that, although technology offers new possibilities, its adoption without a clear formative purpose tends to reinforce automated and meaningless practices. Conversely, when integrated with intentionality and sensitivity, AI can help reinvent the connections between individuals, knowledge, and the world. It is concluded that the future of networked education depends less on algorithmic sophistication and more on the human ability to guide its application toward genuinely formative purposes. The results call for a revision of educational policies, teacher education, and innovation paradigms, placing at the center the value of presence, listening, and shared creation.

**Keywords:** networked education, artificial intelligence, digital cultures, reenchantment of teaching.

#### RESUMEN

Este artículo analiza cómo la intersección entre la Inteligencia Artificial, las culturas digitales y las prácticas pedagógicas está transformando el significado de enseñar y aprender en el siglo XXI. La investigación busca comprender en qué medida dichas transformaciones pueden ampliar —o poner en riesgo— el reencantamiento de la enseñanza, entendido como la recuperación de la dimensión sensible, ética y creativa de la experiencia educativa. Se trata de un estudio teórico-reflexivo, basado en una revisión integradora de la literatura nacional e internacional, articulada con el enfoque del estado del arte. El análisis implicó el mapeo de contribuciones que abordan la presencia de la IA en las escuelas, la formación docente ante las culturas digitales y los cambios en las ecologías del aprendizaje. Las categorías centrales fueron: autonomía docente, mediación pedagógica, presencia simbólica y uso ético de la tecnología. Los resultados evidencian que, aunque la tecnología ofrece nuevas posibilidades, su adopción sin un propósito formativo claro tiende a reforzar prácticas automatizadas y carentes de sentido. Por el contrario, cuando se integra con intencionalidad y sensibilidad, la IA puede contribuir a reinventar los vínculos entre sujetos, saberes y mundo. Se concluye que el futuro de la educación en red depende menos de la sofisticación algorítmica y más de la capacidad humana para orientar su aplicación con fines verdaderamente formativos. Los hallazgos invitan a revisar las políticas educativas, la formación docente y la noción misma de innovación, situando en el centro el valor de la presencia, la escucha y la creación compartida.

**Palabras clave:** educación en red, inteligencia artificial, culturas digitales, reencantamiento de la enseñanza.



## 1 INTRODUÇÃO

Ensinar sempre foi mais do que transmitir conteúdo: é um modo de tocar o mundo com palavras, gestos e sentidos. Nos últimos anos, porém, o ensino vem sendo atravessado por transformações aceleradas, impulsionadas pela presença crescente da Inteligência Artificial (IA) e pelas culturas digitais. Em vez de resistir a essas mudanças, precisamos compreendê-las em profundidade: o que está realmente em jogo quando algoritmos entram na sala de aula?

A Inteligência Artificial, definida aqui como a capacidade de sistemas computacionais aprenderem e tomarem decisões a partir de grandes volumes de dados, deixou de ser um assunto restrito à tecnologia. Hoje, ela está presente em plataformas de ensino, correções automáticas, assistentes virtuais e sistemas de avaliação. Esse avanço não é neutro: afeta diretamente o modo como aprendemos, ensinamos e convivemos. Segundo Cruz *et al.* (2023), a IA já está redefinindo os métodos de ensino em escala global.

Em paralelo, as culturas digitais — que compreendem os modos de ser, pensar e aprender mediados pelas tecnologias conectadas — vêm moldando subjetividades e transformando a relação com o saber. Como explica Castells (2000), vivemos em uma sociedade em rede, onde o conhecimento circula de forma distribuída, fragmentada e colaborativa. O modelo escolar tradicional, baseado em disciplinas rígidas e transmissões unidirecionais, já não responde às necessidades de estudantes que crescem imersos em ambientes interativos e fluidos.

Nesse cenário, surgem desafios e possibilidades. De um lado, o risco de uma educação automatizada, onde a eficiência se sobrepõe ao encontro humano. De outro, a chance de repensar o papel da escola como espaço de criação coletiva de sentido. É nesse ponto que propomos a ideia de "reencantamento do ensino": um movimento de resgate da experiência sensível, da curiosidade e da presença, mesmo em tempos de algoritmos e dados.

A escolha deste tema nasce da percepção de uma lacuna significativa na literatura: apesar da vasta produção sobre tecnologias educacionais, poucos estudos abordam de forma integrada os impactos socioculturais, epistêmicos e afetivos da IA no ensino. Mais do que discutir ferramentas, queremos discutir sentidos. Como aponta Lévy (2022), a IA inaugura não apenas novas soluções, mas novos problemas filosóficos, éticos e pedagógicos que precisam ser enfrentados.



Além disso, há uma urgência prática. Políticas públicas, plataformas privadas e sistemas educacionais estão, muitas vezes, incorporando tecnologias sem o devido debate sobre suas implicações. Ao fazer isso, corremos o risco de substituir a educação por treinamentos, a formação por condicionamento. Refletir sobre isso é não apenas necessário, mas vital para manter viva a centralidade da educação como espaço de emancipação.

Este artigo tem como objetivo analisar de que forma a interseção entre Inteligência Artificial, culturas digitais e práticas pedagógicas pode contribuir — ou comprometer — o reencantamento do ensino. Deseja-se compreender se é possível integrar tecnologias emergentes de modo a ampliar, e não empobrecer, a experiência de ensinar e aprender.

A pergunta que orienta este estudo é: de que maneira a integração entre Inteligência Artificial e culturas digitais vem reconfigurando o sentido do ensino, e como essas transformações podem ser conduzidas de forma ética, sensível e criativa, sem perder de vista a centralidade da experiência humana na educação?

Este não é um estudo sobre ferramentas, mas sobre rumos. Propõe-se uma travessia reflexiva — e sensível — sobre o que estamos perdendo, ganhando ou transformando quando algoritmos se tornam parte da sala de aula. Mais do que respostas prontas, buscamos caminhos possíveis.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL COMO NOVA ARQUITETURA COGNITIVA

A Inteligência Artificial (IA) não é apenas uma ferramenta técnica; ela representa uma nova arquitetura cognitiva. Ou seja, altera o modo como produzimos, distribuímos e validamos o conhecimento. Para Lévy (2022), a IA inaugura uma virada semântica, em que os algoritmos deixam de ser operacionais e passam a operar como sistemas interpretativos. Isso significa que, ao tomarem decisões, eles interferem no que consideramos válido, importante ou verdadeiro.

Essa mudança impacta diretamente a escola, que historicamente se organizou em torno da mediação humana do saber. Ao introduzir sistemas autônomos de tutoria, correção e recomendação, a IA desafia o papel do professor. Contudo, o problema não está na tecnologia em si, mas na forma como ela é integrada ao projeto pedagógico. Como alerta Ferreira (2024), é



preciso garantir que a curadoria de conteúdo realizada por sistemas inteligentes preserve critérios éticos, epistemológicos e culturais.

## 2.2 CULTURAS DIGITAIS E ECOLOGIAS DO APRENDER

As culturas digitais podem ser entendidas como ecossistemas simbólicos em constante mutação, nos quais emergem novas formas de ler, escrever, sentir e aprender. Segundo Castells (2000), vivemos numa sociedade em rede, onde o conhecimento circula de forma descentralizada, por meio de múltiplas linguagens e dispositivos. Isso muda a natureza da aprendizagem, que passa a ser fluida, colaborativa e não linear.

Na escola, porém, persiste uma lógica sequencial, pautada em livros, horários fixos e provas padronizadas. Essa dissonância entre o mundo vivido pelos alunos e o formato da escola tradicional cria um ruído formativo. Conte et al. (2025) mostram que o potencial das redes digitais só se realiza quando a escola abandona o medo da dispersão e aprende a integrar as linguagens digitais como aliadas na mediação pedagógica.

## 2.3 IA NA SALA DE AULA: ENTRE A PERSONALIZAÇÃO E O APAGAMENTO

A promessa de personalização do ensino por meio da IA tem ganhado força nos últimos anos. Plataformas de aprendizagem adaptativa ajustam o conteúdo conforme o desempenho do aluno, oferecendo um percurso "sob medida". Isso pode ser benéfico, especialmente em contextos de grande heterogeneidade. Mas, como adverte Cruz *et al.* (2023), há o risco de transformar o processo educativo em uma experiência solitária, mecanizada e sem alteridade.

É nesse ponto que a ideia de reencantamento se torna relevante. Ela sugere que a educação não deve ser apenas eficiente, mas também significativa. Envolver emoções, valores e sentidos. A IA, se mal utilizada, pode neutralizar essa dimensão, convertendo o aluno em um consumidor de conteúdos e não em um autor de experiências. Por isso, o professor precisa continuar sendo o "poeta da aprendizagem", aquele que sabe escutar o invisível e provocar a imaginação.



## 2.4 REENCANTAMENTO DO ENSINO: UMA PEDAGOGIA DA PRESENÇA

Reencantar o ensino é reinserir a presença — humana, simbólica, afetiva — no centro do processo educativo. Trata-se de recuperar o sentido do encontro, da escuta, da dúvida e da criação compartilhada. Biesta (2020) afirma que ensinar é um gesto de interrupção: um convite ao imprevisível. Isso contrasta com a lógica algorítmica, que busca prever, classificar e otimizar.

Ao se deixar guiar por métricas, a educação pode perder a sua essência formativa. O ensino passa a ser apenas um meio para alcançar resultados e não uma experiência em si. É por isso que autores como Dourado (2023) propõem uma reorientação epistemológica: menos controle, mais abertura; menos instrução, mais formação. Nessa perspectiva, a IA só tem lugar se contribuir para essa experiência ampliada de humanidade.

## 2.5 FORMAÇÃO DOCENTE E ECOLOGIA ÉTICA DO ENSINO

O avanço da IA demanda uma nova formação docente. Não se trata apenas de aprender a usar ferramentas digitais, mas de desenvolver uma consciência crítica sobre seus impactos. Azambuja e Silva (2024) chamam atenção para a urgência de formar professores que compreendam a natureza algorítmica do mundo e saibam dialogar com ela de maneira ética e criativa.

Essa formação não pode ser tecnicista. Precisa articular filosofia da educação, política pública, estudos culturais e neurociência. O professor do século XXI precisa ser um arquiteto de ecossistemas de aprendizagem, capaz de promover encontros entre saberes, sujeitos e tecnologias. Como defende Fadel *et al.* (2024), é preciso garantir que a inovação mantenha a centralidade da dignidade humana.

## 2.6 CONVERGÊNCIAS POSSÍVEIS: ARTE, CIÊNCIA E IMAGINAÇÃO

A fronteira entre arte e tecnologia também deve ser considerada. Refik Anadol (2020) mostra como a IA pode ser usada para criar arte viva, interativa, sensível. Isso aponta para caminhos educativos mais poéticos, que rompem com o utilitarismo e recuperam o valor da

imaginação. Ensinar com IA não precisa ser sinônimo de controle. Pode ser uma forma de ampliar o sensível.

Essa é, talvez, a virada mais necessária: compreender que a educação em rede é mais do que uma infraestrutura digital. É uma possibilidade estética de reconectar os fios da existência. De fazer da escola uma rede de afetos, saberes e futuros possíveis. E, nesse sentido, a IA, as culturas digitais e a pedagogia do reencantamento não são opostas. São faces de um mesmo desejo: educar para a vida em plenitude.

### 3 METODOLOGIA

Este estudo adotou uma abordagem teórico-reflexiva com base em revisão integrativa da literatura, articulada ao método do estado da arte, com o objetivo de mapear, analisar e interpretar produções relevantes que abordam as interfaces entre Inteligência Artificial, culturas digitais e práticas pedagógicas. A escolha desse tipo de revisão se justifica por permitir o diálogo entre diferentes vertentes teóricas e metodológicas, compondo um retrato abrangente e atual sobre os conhecimentos acumulados e as lacunas formativas existentes no campo.

As buscas foram realizadas nas bases Scopus, Web of Science, SciELO e Google Scholar, além de repositórios institucionais de universidades brasileiras. Tais fontes foram selecionadas por sua amplitude, credibilidade e diversidade disciplinar, assegurando a inclusão de estudos relevantes e com rigor acadêmico. Os descritores utilizados incluíram as expressões “inteligência artificial”, “educação em rede”, “culturas digitais” e “formação docente”, combinadas por operadores booleanos (AND/OR) para garantir um equilíbrio entre abrangência e especificidade.

Foram considerados artigos publicados entre os anos de 2000 e 2025, com ênfase em trabalhos que abordassem diretamente a presença da IA na escola, a transformação das ecologias de aprendizagem e a ressignificação do papel do professor. A seleção dos textos levou em conta sua aderência à questão de pesquisa e às categorias analíticas previamente definidas. Foram excluídos documentos indisponíveis na íntegra ou que tratassem do tema de forma meramente instrumental, técnica ou periférica.

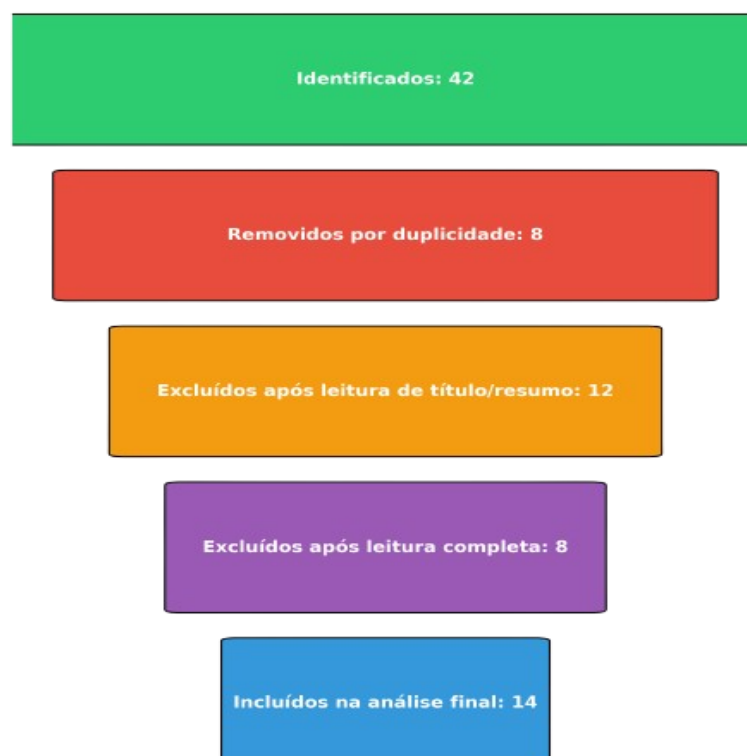
A triagem dos materiais seguiu as etapas preconizadas pelo modelo PRISMA: identificação, triagem, elegibilidade e inclusão. Essa estrutura metodológica conferiu clareza, rastreabilidade e confiabilidade ao processo, resultando em um corpus final de 14 estudos,



conforme ilustrado no fluxograma apresentado. A análise foi conduzida por meio de leitura interpretativa e comparativa, buscando estabelecer pontes entre contribuições clássicas e emergentes, nacionais e internacionais, em sintonia com os objetivos propostos por este artigo.

Figura 1 – Etapas de seleção dos estudos analisados na revisão integrativa, conforme modelo PRISMA.

Fluxo de Seleção dos Estudos - Revisão do Tipo Estado da Arte



Fonte: Elaborado pelos autores (2025), com base no modelo PRISMA.

O modelo PRISMA (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses) é um protocolo reconhecido internacionalmente, utilizado para garantir rigor, transparência e reprodutibilidade na seleção de estudos em revisões científicas. Sua estrutura orienta a descrição detalhada das etapas que compõem o processo de identificação, triagem, avaliação da elegibilidade e inclusão final dos materiais analisados.

No presente estudo, a busca inicial nas bases Scopus, Web of Science, SciELO, Google Scholar e repositórios institucionais resultou em 42 registros. Após a remoção de duplicidades, 38 estudos seguiram para a fase de leitura de títulos e resumos. Desse total, 24 foram excluídos por não apresentarem aderência ao tema central da pesquisa. Na etapa seguinte, 14 textos foram avaliados integralmente quanto à sua relevância teórica, clareza metodológica e alinhamento à questão de investigação compondo o corpus da análise.



Esses documentos forneceram subsídios para mapear tendências, reconhecer lacunas formativas e aprofundar a compreensão sobre as interações entre Inteligência Artificial, culturas digitais e a reinvenção das práticas pedagógicas.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da literatura revela três movimentos principais na relação entre IA, culturas digitais e ensino. O primeiro é a expansão da lógica algorítmica nas práticas escolares. Plataformas que ajustam o conteúdo com base no desempenho do aluno vêm sendo apresentadas como solução universal, mas ocultam suas limitações. Santos *et al.* (2024) observam que, ao transformar o percurso pedagógico em uma sequência de respostas automatizadas, perde-se a dimensão interpretativa da aprendizagem.

O segundo movimento é a incorporação de linguagens digitais nas experiências educativas. Conte *et al.* (2025) demonstram que o uso de vídeos curtos, games educativos e narrativas interativas favorece o engajamento dos estudantes. No entanto, essa integração nem sempre é acompanhada de uma reflexão pedagógica sobre a finalidade do uso. Quando a tecnologia é aplicada sem diálogo com o currículo e o contexto, torna-se apenas um ornamento.

O terceiro movimento é a desestabilização da autoridade docente frente à presença de sistemas inteligentes. Arya e Verma (2024) destacam que muitos professores se sentem substituíveis diante de assistentes virtuais que fornecem respostas instantâneas. Essa sensação de desvalorização, contudo, nasce de uma falsa premissa: de que ensinar é apenas informar. Ensinar é criar vínculos, mediar sentidos, provocar pensamento — tarefas que nenhuma IA realiza por completo.

Observa-se, ainda, uma tendência à padronização dos saberes, impulsionada por algoritmos que recomendam conteúdos com base em comportamentos anteriores. Isso pode gerar uma espécie de "bolha pedagógica", onde o estudante vê apenas o que já tende a concordar. Ford (2017) alerta para o perigo de educações que apenas confirmam preferências e não expandem horizontes.

Ao confrontar esses achados com a teoria, percebe-se uma convergência entre os autores analisados. Lévy (2022) propõe que a IA deve ser compreendida como uma linguagem, não como um fim. Ferreira (2024) afirma que a curadoria de conteúdo mediada por IA só tem valor quando



guiada por princípios éticos e culturais. Em ambos os casos, a ênfase está em colocar a técnica a serviço da formação humana.

Há divergências quanto ao grau de interferência da IA na autonomia docente. Enquanto Cruz *et al.* (2023) veem nela uma aliada à gestão do tempo e ao acompanhamento personalizado, Azambuja e Silva (2024) alertam para o risco de erosão da liberdade pedagógica. Essa tensão mostra que o debate não pode ser simplificado entre “a favor” ou “contra”, mas precisa considerar contextos, usos e intenções.

Um dado comum entre os estudos é a necessidade de formação continuada para os educadores. Fadel *et al.* (2024) apontam que compreender a lógica algorítmica é tão importante quanto dominar os instrumentos digitais. Essa formação precisa ser ética, sensível e interdisciplinar — não apenas funcional.

Os resultados indicam que a IA e as culturas digitais podem, sim, colaborar com o reencantamento do ensino — desde que integradas com intencionalidade pedagógica, escuta ativa e criatividade. Quando bem conduzidas, essas tecnologias ampliam o acesso ao conhecimento, diversificam formas de expressão e promovem o protagonismo discente.

Por fim, reforça-se a ideia de que a verdadeira inovação educacional não está na tecnologia em si, mas na qualidade das perguntas que fazemos diante dela. Se a IA nos desafia a repensar o ensino, então que esse repensar seja também um reencontro com o que nos torna humanos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo partiu do desejo de compreender como a Inteligência Artificial e as culturas digitais estão reconfigurando o ensino, e em que medida tal mudanças podem fortalecer — ou esvaziar — sua dimensão formativa. A análise apontou que, embora a tecnologia ofereça caminhos promissores, sua integração sem reflexão pode levar à perda do sentido humano na educação.

Entre os principais achados, destaca-se o risco da automação excessiva e a desvalorização do vínculo pedagógico. Também se evidenciou o potencial das culturas digitais para enriquecer o repertório expressivo dos estudantes. O conceito de reencantamento do ensino, neste contexto,



surge como uma alternativa à lógica instrumental, recuperando a centralidade da presença, da escuta e da invenção coletiva.

As implicações teóricas são significativas. A educação não pode mais ser pensada à parte das tecnologias, mas também não deve submeter-se a elas. É preciso manter o horizonte ético e estético da formação, como defendem autores como Lévy (2022), Dourado (2023) e Biesta (2020). A técnica só tem sentido se estiver a serviço de um projeto de mundo mais justo e sensível.

No plano prático, o estudo reforça a importância de políticas públicas que incentivem a formação docente para o uso consciente e criativo das tecnologias. Isso inclui não apenas cursos técnicos, mas espaços de debate sobre os sentidos do ensinar em tempos de algoritmos. A IA deve ser instrumento, não oráculo.

A formação de professores, nesse novo cenário, precisa ser repensada como uma ecologia de saberes — uma formação que cruze filosofia, arte, ciência e política educacional. O professor deixa de ser apenas transmissor e passa a ser arquiteto de experiências, alguém que media sentidos e provoca mundos possíveis.

Entre as limitações do estudo, destaca-se a base teórica predominantemente analítica, sem dados empíricos. Este é um ensaio de natureza teórico-reflexiva. Futuras pesquisas poderiam explorar a escuta de professores e estudantes que vivenciam o uso da IA em sala de aula, além de investigar o impacto das culturas digitais em comunidades escolares periféricas, onde o acesso é desigual.

Conclui-se que o futuro da educação em rede não está escrito nos algoritmos, mas no modo como escolhemos usá-los. O desafio não é apenas técnico, é profundamente humano. Reencantar o ensino é, talvez, a mais urgente de nossas tarefas: fazer da escola um lugar onde aprender ainda seja um gesto de esperança.



## REFERÊNCIAS

- ANADOL, R. (2020). **Arte na era da inteligência da máquina**. Disponível em: [https://www.ted.com/talks/refik\\_anadol\\_art\\_in\\_the\\_age\\_of\\_machine\\_intelligence?language=pt-br](https://www.ted.com/talks/refik_anadol_art_in_the_age_of_machine_intelligence?language=pt-br). Acesso em: 05 jul. 2025.
- ARYA, R.; Verma, A. (2024). **O papel da Inteligência Artificial na educação**. Revista Internacional de Pesquisa Avançada em Ciência, Comunicação e Tecnologia, p. 589–594. Disponível em: <https://doi.org/10.48175/ijarsct-19461>. Acesso em: 05 jul. 2025.
- AZAMBUJA, C. C. de; Silva, G. F. da (2024). **Novos desafios para a educação na Era da Inteligência Artificial**. Filosofia Unisinos, v. 25, n. 1. Disponível em: <https://doi.org/10.4013/fsu.2024.251.07>. Acesso em: 05 jul. 2025.
- CASTELLS, M. (2000). **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra.
- CONTE, E.; Matindingue, A. D.; Sperb, L. C. (2025). **Explorando as teias digitais e redes da inteligência artificial em práticas educativas**. Revista Docência e Cibercultura, v. 9, n. 1, p. 1–18. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/re-doc/article/view/82360>. Acesso em: 05 jul. 2025.
- CRUZ, K. R.; Toledo, R. S.; Oliveira, A. S.; Almeida, J. K. S. T.; Moreira, A. M.; Gandin, L. R. A. (2023). **IA na sala de aula: como a Inteligência Artificial está redefinindo os métodos de ensino**. Revena - Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem, v. 7, p. 19-25. Disponível em: <https://revena.emnuvens.com.br/revista/article/view/128>. Acesso em: 05 jul. 2025.
- DOURADO, Luiz Fernandes. **Educação e humanização em tempos de tecnologias digitais: desafios à formação e à prática docente**. In: CUNHA, Maria Isabel da; NÓVOA, António (Orgs.). *Formação de professores: identidades e desafios*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2023. p. 115–134.
- FADEL, C.; Black, A.; Taylor, R.; Slesinski, J.; Dunn, K. (2024). **Educação para a era da inteligência artificial** [livro eletrônico]. Tradução de Marcelo Schild Arlin. 1. ed. São Paulo: Fundação Santillana. ISBN 978-85-63489-10-4.
- FERREIRA, E. (2024). **Inteligência artificial na educação: a curadoria de conteúdo como caminho ético**. Disponível em: <https://doi.org/10.46943/x.conedu.2024.gt19.031>. Acesso em: 05 jul. 2025.
- FORD, M. (2017). **Como ganharemos dinheiro em um futuro sem empregos**. Disponível em: [https://www.ted.com/talks/martin\\_ford\\_how\\_we\\_ll\\_earn\\_money\\_in\\_a\\_future\\_without\\_jobs/?language=pt-br](https://www.ted.com/talks/martin_ford_how_we_ll_earn_money_in_a_future_without_jobs/?language=pt-br). Acesso em: 05 jul. 2025.
- LÉVY, P. (2022). **IEML: rumo a uma mudança de paradigma na Inteligência Artificial**. Matrizes, v. 16, n. 1, p. 11-34. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/197482>. Acesso em: 05 jul. 2025.



RIBEIRO, F. V.; Pereira, W. F. dos S. (Orgs.). (2024). **Educação e Inteligência Artificial: desafios e diálogos na atualidade**. Guarujá, SP: Científica Digital.

RIZZI MARCOM, J. L.; Porto, A. P. T. (2023). **O uso da inteligência artificial na educação com ênfase à formação docente**. Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen, RS, v. 24, n. 3, p. 229–246.

SANTOS, A.; Dias, C. A. G. C.; Barbosa, D. H. S. G.; Rossi, G.; Salles, M.; Bravim, M. P.; Lessa, M. M. C.; Caliman, R. de O. N. (2024). **A inteligência artificial na avaliação educacional: redefinindo o currículo para competências do século XXI**. Disponível em: <https://doi.org/10.51891/rease.78-65-6054-108-5-4>. Acesso em: 05 jul. 2025.